Amy Hatvany

Autora bestseller de *O Jardim das Memórias*

Ao Encontro do Destino

• Romance •

Uma nova vida.

Uma nova esperança.

Hannah

A primeira coisa que Hannah ouve é o grito lancinante de Emily. Em seguida, o chiar estridente de travões e o ruído agudo de metais a chocar. Os sons rodopiam à sua volta em câmara lenta — bipes auditivos e estáticos. Mas então, num instante, unem-se numa imagem. Numa verdade que lhe sustém a respiração.

Oh, meu Deus.

Afasta-se da secretária e precipita-se pelas escadas abaixo, transpondo a porta a correr, até ao jardim. O seu olhar desvairado depara-se com o carro que ouviu — um *Mustang* vermelho descapotável, capotado, com o motor ainda ligado. Mais à frente está a bicicleta roxa e brilhante da sua filha. O guiador está torcido e partido, os pneus pretos rasgados e saídos das rodas. Alguém grita e Hannah leva um momento a aperceber-se de que é ela mesma. O som sobe-lhe pela garganta como se fosse uma lâmina giratória, ao correr até Emily, cujo corpo fora projetado para longe do impacto. A filha de 12 anos está tombada no asfalto, braços e pernas virados em ângulos estranhos, afastados do tronco. Sangue escorre-lhe pela testa de uma ferida no escalpe. Tem a boca aberta, os olhos fechados.

Ela não estava a usar o capacete. Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus.

— Chamem o 112! — guincha Hannah. — Por favor, alguém ligue! — Está vagamente consciente de que os vizinhos saíram a correr de suas casas, também.

— Eu não a vi! — grita uma mulher, junto ao carro, agarrando com as mãos a cabeça loira. — Saiu a correr do passeio! Não tive tempo de parar! — A mulher está histérica... a soluçar, mas Hannah ignora-a. Deixa-se cair ao lado de Emily, esfolando os nós dos dedos ao erguê-la do alcatrão áspero, aninhando a filha junto ao peito tal como fazia quando Emily ainda era bebé, os corações de ambas encostados um ao outro em batimentos ternurentos e sincronizados.

— A mamã está aqui — diz Hannah, com a boca contra o cabelo escuro e húmido da filha. — Não te preocupes. A mamã está aqui contigo. — Emily está mole, imóvel.

Um pequeno grupo de pessoas cria um círculo protetor em redor das duas. É um sábado quente e solarengo de finais de julho. Um dia para churrascos e piqueniques, para gelados e fogueiras e sanduíches de *marshmallows*. *Isto não pode estar a acontecer. Não pode. Ela é tudo o que tenho. Nada mais importa. Só ela.*

O vizinho do lado, Mr. Blake, ajoelha-se junto a Hannah e coloca um braço sobre os seus ombros.

— A ambulância vem a caminho — diz ele. — Se calhar não devia mexer nela.

Hannah ignora-o.

— Ela vai ficar bem — murmura ela. — Ela *tem* de ficar bem. — Abraça Emily com mais força.

Após alguns minutos que mais parecem horas, décadas, ouve-se uma sirene ao longe, tornando-se mais sonora à medida que se aproxima. Não vem suficientemente depressa. Mr. Blake coloca dois dedos nodosos no pescoço de Emily, e o primeiro instinto de Hannah é afastá-la, proteger a filha de

todos os perigos existentes, mas depois apercebe-se do que ele está a tentar fazer.

— Ela tem pulsação — diz ele. — Está fraca, mas sente-se.

Hannah anui, pressionando os lábios com tanta força que não consegue senti-los. Não consegue sentir nada. O interior do seu crânio é uma colmeia que alguém pontapeou. Não consegue pensar em nada. Existe apenas o zumbido... uma única expressão na sua cabeça, um feitiço, uma prece.

Fecha os olhos e murmura as palavras «por favor».

Hannah espera. Sentada na sala de urgências, agarrada à beira da cadeira, com os braços tensos e retos, o corpo baloiçando para a frente e para trás em pequenos movimentos calculados. Há uma grande azáfama, como num estado de emergência: enfermeiros em batas de padrões coloridos e sapatos brancos modestos percorrem os corredores com pressa; um auxiliar passa rapidamente com uma maca vazia. O ar, rarefeito com antissético e suor, provoca comichão na parte de trás da garganta de Hannah; tem medo de poder vomitar. Os pacientes gritam, os telefones tocam, os médicos são chamados imediatamente à sala de operações — os efeitos sonoros são como anzóis na sua pele.

Lança um olhar rápido às pessoas sentadas à sua volta — um homem com a pele profundamente enrugada e o cabelo todo branco está sozinho, com um chapéu de palha no colo, desmanchando a aba com dedos trémulos. Uma das pernas balança num ritmo *staccato*; os calções axadrezados expõem joelhos ossudos com veias grossas. Por alguma razão Hannah acha isto obsceno, quase tão mau como se ele lhe tivesse piscado o olho. Do outro lado da sala está um casal de mãos dadas. As lágrimas escorrem pelas faces pálidas da mulher e ela olha para Hannah com uma empatia palpável e dolorosa. Hannah acena uma vez

com a cabeça, olhando a mulher nos olhos por um instante, mas depois olha para o chão brilhante e frio. Não aguenta este tipo de agonia exposta. Demasiado crua e sangrenta. Demasiado real.

Os médicos estavam a tentar salvar a vida de Emily. Levaram-na rapidamente para ser operada poucos momentos depois de os paramédicos entrarem apressados no hospital.

— Ela é AB negativo — gritou um deles. O tipo de sangue mais raro, que Hannah fizera questão de lhes transmitir, mas que não partilhava com a filha. Numa névoa indistinta, assinou todos os formulários que os enfermeiros lhe puseram à frente, dando aos médicos autorização para fazerem o seu trabalho.

— Por favor — disse Hannah ao médico que se ocupava de Emily antes de a levarem embora. — Ajude-a. — O cabelo de Emily parecia uma mancha de tinta escura contra o lençol branco da maca. A sua pele estava pálida tirando o sangue que escurecia no rosto. Ainda não se movera.

— Vamos fazer todos os possíveis — disse o médico, apertando-lhe rapidamente o braço antes de lhe levar a sua única filha pelas portas duplas cinzentas.

Agora, duas horas mais tarde, uma enfermeira aproxima-se de Hannah na sala de espera.

— Quer que lhe traga alguma coisa? — pergunta ela. — Precisa de telefonar a alguém?

Hannah abana a cabeça. Ainda não. Ligará aos pais assim que souber mais sobre a situação de Emily. Quando puder dizer-lhes que a neta está bem. Mr. Blake oferecera-se para a acompanhar quando ela subiu para a parte de trás da ambulância, mas dissera-lhe que não.

Há 13 anos, com 31 anos de idade, Hannah comprometeu-se com a maternidade sabendo muito bem que estaria sozinha. Desejava tanto ter um filho que já não estava disposta a esperar

que o homem certo aparecesse, tendo em conta as probabilidades de encontrar alguém que, ao contrário de Devin, de quem estivera noiva dois anos quando tinha vinte e tal anos, *não* andasse a traí-la por aí.

Em vez disso, optou por uma coisa certa: doador de esperma número 4873, um estudante de medicina de 23 anos com cabelo escuro e um historial familiar sem doenças graves.

— Olha para mim — brincou ela com a melhor amiga e sócia, Sophie. — Sou uma predadora de rapazes novos. — Nove meses depois do procedimento, Hannah segurava nos braços uma Emily bebé de carinha rosada e a guinchar.

Enquanto espera, os pensamentos de Hannah vagueiam por todas aquelas primeiras noites que ela e Emily passaram juntas — noites em que Emily não conseguia adormecer, quando a única coisa que confortava a bebé era andar pela casa durante horas.

— És a razão por que estou aqui — murmurou Hannah ao ouvido pequenino, em forma de conchinha, de Emily. — És o meu anjo... a minha menina doce e perfeita. — Emily retribuía o olhar com olhos azuis e redondos como fichas de póquer, e Hannah não conseguia deixar de acreditar que, mesmo bebé, a sua filha a compreendia, que o amor que ela sentia por Emily tinha uma linguagem que apenas as duas sabiam falar.

Ela tinha apoio, é claro. Sophie ficou responsável pelo trabalho administrativo do salão de beleza durante uns anos logo após Emily ter nascido, e Hannah trabalhava apenas como cabeleireira. Jill, a ama que contratou quando Emily tinha quatro meses, cuidava da filha enquanto Hannah cortava e pintava com perícia o cabelo das clientes. Embora os seus pais vivessem em Boise, demasiado longe para serem uma ajuda imediata, iam a Seattle pelo menos uma vez por ano, e Hannah levava Emily à quinta dos avós em quase todas as festividades

mais importantes. Não havia nada mais ternurento do que ver Emily com dois anos a correr atrás das galinhas criadas ao ar livre no quintal da frente dos pais dela, nada emocionava mais o coração de Hannah do que a sua filha quase adolescente ainda a subir para o colo do avô para pedir miminhos.

Tinham visitado a quinta havia algumas semanas, durante o fim de semana do 4 de julho, e desfrutado de uma refeição enorme de frango frito estaladiço e salada cremosa de batata e endro preparada pela mãe, em que o aipo contava *totalmente* como uma porção de vegetais, como insistira o pai ao rapar o fundo da saladeira. Emily deleitava-se com a atenção dos avós, no papel delicioso de neta única, mas também sentia a falta do tio Isaac.

— Porque é que ele não veio? — perguntou ela de pé na beira do alpendre que dava a volta à casa, com a cabeça inclinada e a mão espalmada sobre a anca espetada. — Ele devia acender o fogo de artifício.

— Ele queria muito ter vindo, mas está numa viagem de negócios — disse Hannah. O seu irmão mudara-se para Seattle há quase 25 anos porque recebera uma bolsa completa em engenharia de estruturas na Universidade de Washington. Um ano e meio depois, Hannah juntou-se a ele na cidade para frequentar a escola de cosmetologia; os pais concordaram que também ela deixasse Boise, mas apenas porque o irmão mais velho estaria por perto. Hannah ficou ressentida, na altura — que rapariga de 18 anos quer ter o irmão mais velho a espiá-la? Mas, mais tarde, principalmente quando Emily nasceu, Hannah ficou grata por tê-lo perto de si. Isaac era um tio extremoso, dedicado a Emily pelo menos tanto quanto os avós. Era certamente uma influência masculina positiva na vida dela — ensinou-a a andar de bicicleta e arranjava os brinquedos estragados que Hannah se preparava para deitar fora. Jogava à apanhada e brincava com Emily na maneira parva de que os homens

gostam de brincar. O seu exigente emprego fazia-o viajar vezes demais, o que o impedia de manter uma relação que durasse mais do que alguns meses, quanto mais uma relação suficientemente séria para ponderar ter filhos, por isso concentrava todas as emoções paternais na sobrinha. Tomava bem conta das duas.

Emily esboçou uma carranca ao pensar na explicação de Hannah para a ausência do tio.

— Que treta — comentou ela por fim, e depois afastou-se a trote para afagar um dos cavalos por cima da cerca. Gostava do tio tanto quanto ele gostava dela.

— Ela é tão parecida contigo — disse a mãe de Hannah, após observar esta breve conversa.

Com o cabelo comprido e preto e rosto estreito, Emily *parecia-se* certamente com Hannah, mas Hannah achava que a mãe não se referia à aparência delas.

— Comigo como? — perguntou.

— Ela sabe pensar. — A mãe aproximou-se e olhou para Hannah, sabedora. — Mas não tem medo de dar a sua opinião.

Hannah não conseguiu deixar de acreditar que a mãe tinha razão. Emily fora uma bebé tão graciosa, calma e séria, sempre aparentando absorver o mundo à sua volta como uma esponja sedenta, a observar o comportamento das pessoas, todos os pormenores. Como se estivesse a catalogá-los. A decidir quem era merecedor da sua atenção e quem não era. Quando Emily ainda estava a começar a andar, a sua gargalhada era tão rara que Hannah se sentia totalmente realizada sempre que a conseguia provocar. Emily não era introvertida. Apenas... pensativa. Já pensava por si só era ainda pequenina, insistindo com teimosia em escolher o que vestir e o que comer, reclamando a sua individualidade sempre que podia. Disputas de poder surgiam de vez em quando, sendo o capacete de Emily uma

delas. Hannah insistia que ela o usasse sempre que andasse de bicicleta; Emily retorquia que, se estivesse apenas a andar no passeio à frente da casa, não precisava de o usar.

— O cimento do passeio parte-te a cabeça com a mesma facilidade com que na estrada — disse-lhe Hannah mais do que uma vez.

Hannah estremece agora, recordando as muitas vezes que proferira aquelas aparentemente proféticas palavras. *Porque* é que Emily foi para a estrada quando sabia que Hannah o proibia? Estaria zangada por ter de ir para o salão de beleza de tarde porque Jill estava doente e não podia ir lá a casa? Ter-se-ia tratado apenas de um pacífico ato de rebeldia que terminara em tragédia? E se Hannah tivesse cancelado os seus compromissos no salão e passado o dia com Emily? E se Emily tivesse decidido ver televisão em vez de se escapulir pela porta lateral para a garagem e montar a bicicleta? E se ela não tivesse ido disparada para a estrada mesmo à frente do carro? *E se, e se?*

Hannah fecha os olhos e morde o lábio inferior, tentando abafar os barulhos ferozes à sua volta. A náusea embrulha-lhe o estômago e sobe-lhe à garganta bílis azeda. Concentra-se na filha, implorando a um Deus que ela não tem a certeza de que exista. *Por favor.*

O telefone vibra na mala, e ela pega nele.

— Hannah? — Era a voz familiar de Sophie, melodiosa com o gorjeio suave do seu sotaque francês. Após o divórcio dos pais, quando ela tinha 14 anos, Sophie e a mãe imigraram para os Estados Unidos e foram morar com familiares. Embora ambas falassem inglês na perfeição, as palavras de Sophie ainda soavam como se fossem feitas de música. — Faltaste à coloração das três da tarde com a Mrs. Clark. Ela ficou furiosa, *chérie*. Onde estás?

O queixo de Hannah treme e a sua respiração debate-se dentro do peito.

— Estou no hospital Swedish. A Emily está a ser operada.

— *O quê?* Oh, meu Deus. O que *aconteceu*?

Hannah conta a Sophie sobre o descapotável vermelho, sobre a bicicleta desfeita de Emily.

— Ela não estava usar o capacete. Disse-lhe mil vezes para pôr sempre aquela maldita coisa na cabeça. Fizesse calor ou comichão. Porque é que ela não me deu *ouvidos*? — O soluçar de Hannah explodiu-lhe na garganta, ao falar. — Oh céus, Sophie. Tenho tanto medo.

— Vou já para aí.

— Não tens de... — começa Hannah a dizer, mas Sophie já desligou. Grande parte do sucesso do salão de beleza devia-se à renitência da sócia em aceitar um não como resposta. Afinal era essa a razão pela qual Hannah possuía metade do negócio.

Há quase 20 anos, ela e Sophie trabalhavam juntas num grande salão comercial onde o que menos importava era a qualidade do trabalho e sim quantos clientes conseguiam sentar nas cadeiras todos os dias. Por fim, após alguns anos a lidar com um ambiente tóxico de cabeleireiras mexeriqueiras e falsas, Sophie convenceu Hannah a candidatarem-se a um pequeno empréstimo para abrirem o seu próprio salão de beleza. Na verdade, tiveram tanto sucesso que tinham recentemente comprado uma casa encantadora em estilo Craftsman num bairro da baixa de Bellevue e planeado transformá-la num segundo *Ciseaux*.

— Ms. Scott? — Um médico de bata azul aproxima-se, desligando Hannah dos seus pensamentos. É mais velho, um facto que ela acha estranhamente reconfortante, como se os anos de sabedoria e experiência pudessem de alguma forma apagar a natureza grave deste momento. O seu cabelo grisalho

está húmido na testa, e ele traz na mão uma touca cirúrgica. — Sou o Dr. Wilder. Estive na cirurgia da sua filha.

Esteve? Hannah levanta-se, de pulsação acelerada, ainda apertando o telemóvel na mão.

— Ela está bem? Posso vê-la?

— Em breve. — O Dr. Wilder dá mais um passo em frente na direção dela e faz-lhe um gesto para se sentar. Ela obedece, enfiando o telemóvel novamente na mala, que tem consigo apenas porque um vizinho a foi buscar rapidamente a casa dela antes de a ambulância fechar as portas. O médico senta-se também, pegando-lhe na mão. Os seus dedos são suaves e quentes. Parecem capazes. Hannah agarra-se a esta ideia como prova de que Emily está sã e salva.

— A sua filha sofreu ferimentos muito graves — diz ele. A sua voz é baixa e calma; os seus olhos cinzentos não revelam nada. — Quando a cabeça dela bateu no chão, o cérebro começou a sangrar. — Hannah anui, tremendo o queixo tão violentamente que tem de cerrar os dentes para parar o tremor. O Dr. Wilder franze as sobrancelhas espessas e brancas antes de continuar. — Conseguimos parar a hemorragia, mas receio que os danos tenham sido extensos.

— O que é que isso *quer dizer*? — pergunta Hannah. O seu coração bate no peito a um ritmo violento, com força suficiente para a convencer de que ficará dorido.

— Quer dizer que ela está viva, mas só porque a pusemos no ventilador. — Pausa por um instante. — Ela não tem nenhuma atividade cerebral espontânea. Nenhuma desde que aqui chegou.

O zumbido na cabeça de Hannah domina-lhe o pensamento e a sala começa a girar. Ela fecha os olhos.

— Está em coma? — murmura ela, por fim. — Vai acordar?

O Dr. Wilder aperta-lhe a mão.

— Receio que não — diz ele. — Não há atividade no tronco cerebral. Se desligássemos o suporte de vida, ela não sobreviveria. Lamento imenso dizer-lhe isto, mas não há qualquer hipótese de recuperação.

Ela abre os olhos de repente.

— Oh céus... não! — Hannah geme, um som baixo e latejante. Largando a mão do médico, dobra-se pela cintura, cruzando os braços no peito. Lágrimas escorrem-lhe pelo rosto, ao retomar a posição inicial. — Tem a certeza? Tem a *certeza*? — repete ela. Sente os olhos do casal do outro lado da sala em cima dela. O homem velho levanta-se e afasta-se, como se ao distanciar-se dela pudesse evitar um destino semelhante.

— Sim — diz o médico. — Lamento imenso. — Ele não volta a falar, à espera de que Hannah se recomponha.

Hannah encara-o, os olhos inchados, o rosto congestionado.

— Ela devia ter usado aquele maldito capacete — diz ela por entre lábios trémulos.

— Não teria feito qualquer diferença — diz ele. — O impacto foi demasiado violento.

Ao ouvir isto, Hannah permite-se um lampejo de alívio.

— Não há mais nada que possa fazer? Outra cirurgia? — pergunta ela, mas o Dr. Wilder franze o sobrolho e abana a cabeça. Hannah sente a garganta a inchar. Não consegue engolir, e por um instante, não consegue falar. As paredes parecem curvar-se, comprimindo o ar à sua volta. Lembra-se de que tem de respirar. — Preciso de vê-la — diz ela por fim numa voz áspera, que não reconhece como sua. Sente o corpo frágil, como vidro finamente soprado.

O Dr. Wilder anui.

— Claro — diz ele, e depois hesita um instante antes de continuar. — E por favor, perdoe-me, mas tenho de perguntar... a sua filha é dadora de órgãos?

— O quê? — diz Hannah, pestanejando. Não consegue concentrar-se no que ele quer dizer. Sabe que devia compreender, mas tudo está abafado, como se estivessem a conversar debaixo de água.

— O tipo de sangue dela é raro — diz ele. — E se ela for dadora, é possível que possa salvar outras vidas quando falecer.

Quando falecer? Hannah não consegue conceber essa ideia. *Farei tudo, tudo para que isto não seja verdade. Vendo a empresa, mudo-me de volta para Idaho para casa dos meus pais como eles sempre quiseram. Darei a Emily uma vida tranquila no interior, deixo-a brincar com as cabras e ordenhar as vacas, como eu fiz durante a minha infância. Fui tão egoísta, obrigando-a a viver na cidade. Desisto de tudo. Mudo a minha vida toda se ela ficar comigo.*

Hannah abana a cabeça.

— Eu só... eu não... não consigo pensar nisso agora — diz ela.

— Eu entendo que seja difícil — diz o médico. — Só perguntei porque os órgãos dela vão deteriorar-se à medida que o estado dela piorar. Quanto mais cedo soubermos que ela pode ser dadora, mais vidas ela pode salvar. Só isso. — Ele levanta-se e faz-lhe sinal para fazer o mesmo.

Hannah fita-o por um momento, questionando-se se algo mudaria caso ela se recusasse a levantar-se, se se mantivesse colada à cadeira? Se ela pudesse de alguma maneira apagar este dia, voltar ao início e começar de novo, fazer tudo de forma diferente, nada disto teria acontecido.

Mas o olhar que o Dr. Wilder lhe lança fá-la levantar-se. Com um suspiro profundo, ela segue-o pelo corredor, enfrentando de súbito o tipo de decisão que nenhuma mãe deveria ter de tomar.

Olivia

— Acho que arranjámos um fígado — diz o Dr. Steele ao entrar na suíte de hospital de Maddie. É um homem alto, tem quase dois metros, com dedos compridos e delgados, que parece pertencer mais a um campo de basquetebol do que a um hospital. Como hepatologista de Maddie durante os últimos oito anos, ganhou a confiança implícita de Olivia.

— É do tipo certo? — pergunta ela, agarrando o romance que estivera a fingir ler durante as últimas três horas. Obriga-se a levantar da cadeira reclinável no canto do quarto, subitamente com o coração na boca. Maddie é AB negativo e encontrar um doador com a idade certa e o tamanho de fígado adequado torna-se ainda mais difícil por causa deste fator. As análises de Maddie mostram bem a deterioração da sua condição e fazem dela um Estado 1 no sistema UNOS, o que significa que, assim que surgir um órgão compatível, é dela.

O Dr. Steele abana a cabeça.

— Uma menina de 12 anos foi atropelada por um carro. A mãe ainda tem de assinar a papelada, mas a equipa de colheita de órgãos já foi notificada e está a avaliar a compatibilidade. Estou confiante.

— Quando é que saberemos? — pergunta Olivia ao pousar o livro na cadeira atrás de si. Uma sensação de alívio percorre-a,

ao pensar que a filha pode sobreviver. Nesse exato momento apercebe-se da situação difícil da outra mãe, a mãe da menina cuja vida — todo aquele potencial e beleza — foi tão rápida e subitamente extinguida. Não consegue imaginar a profundidade do sofrimento desta mulher, toda esta injustiça. Fica agoniada só de pensar na veemência com que andara a rezar pela morte de outra criança.

— Na próxima hora, espero. — Ele sorri, um gesto que ilumina os seus olhos castanho-escuros de uma forma que Olivia nunca vira antes. Normalmente, ele é quem traz as más notícias para Maddie.

— Muito obrigada — diz ela ao Dr. Steele, que anui e continua a fitá-la durante um instante mais do que ela espera. Está acostumada a olhares como este da parte dos homens, cheios de admiração e talvez até um pouco de desejo. Na verdade, incomoda-a. Principalmente agora, que tem a certeza de que o seu cabelo loiro impecável está horrível e despenteado e a maquilhagem que aplicou ontem à tarde está provavelmente borrada em redor dos olhos.

— Tem olhos de tigre — disse-lhe James no dia em que se conheceram na receção do escritório de advogados onde ela trabalhava como assistente legal. — Quer dizer que é perigosa?

A Olivia de 22 anos abanou a cabeça e corou, um pouco espantada por este homem de negócios profissional e elegante com cabelo preto e olhos verdes claros ter reparado nela. Ele era de certeza pelo menos uma década mais velho do que ela, embora tivesse aquele ar ligeiramente emproado de um homem bem mais novo.

— Não sei — disse ela, erguendo um só sobrolho. — *Você* é? — Este namorico atrevido surpreendeu-a; não era natural nela. Mas algo em James a atraía. Ela sentiu-se como uma gata, desejosa de arquear as costas, roçar o corpo contra o dele e ronronar.

James inclinou a cabeça e riu-se num tom ressonante e profundo que fez a pele de Olivia formigar. Depois, debruçou-se sobre a secretária dela e beijou-lhe levemente as costas da mão.

— Deixe-me levá-la a jantar esta noite e assim já descobre — disse ele. Ela aceitou o convite para um dos restaurantes franceses mais caros de Tampa, onde ele apenas estava em viagem de negócios.

— Por favor — disse ele, erguendo a ementa depois de se sentarem. — Permite-me? Quero apresentar-lhe os meus pratos preferidos. — Ela deixou-o pedir-lhe a refeição; deixou-o ensiná-la a rodopiar o Merlot no copo antes de cheirar a sua fragrância inebriante. Ele disse-lhe que garfo usar e encorajou-a a pelo menos experimentar o *escargot*. Ela conseguiu engolir um bocado para que ele não se sentisse ofendido, mas a pessoa que decidira que os caracóis eram uma iguaria era claramente doente mental.

— És tão bonita com esses lindos caracóis castanhos — disse James, debruçando-se sobre a mesa na direção dela. Estendeu a mão e tocou-lhe no cabelo. — Mas aposto que farias inveja a todas as mulheres da Florida se te tornasses loira.

Olivia sentiu o estômago às voltas ao ouvir estas palavras, sem ter a certeza se eram um elogio ou um insulto. Ainda assim, ela queria agradar-lhe, por isso, dois meses depois, após mais uns quantos comentários como este, deixou-o marcar uma hora no cabeleireiro para a transformar numa loira. Oito meses depois disso, James pediu-a em casamento, com o desejo de levá-la para Seattle.

— Então e o meu emprego? — perguntou ela. — E a minha mãe?

— Eu tomo conta dela — prometeu James. — Arranjo-lhe uma enfermeira a tempo inteiro para que possa viver na sua própria casa. — Ele sabia que Olivia era extremamente chegada

à mãe, que sofria de uma artrite tão incapacitante que era obrigada a viver com subsídio de invalidez. As duas partilhavam um pequeno apartamento e, sozinha, a mãe de Olivia não conseguiria fazer face às suas despesas.

— Farias isso? A sério?

— Claro. Ela será da minha família, também. — Espantada com a generosidade dele, Olivia aceitou o perfeito anel de diamante de 3 quilates que ele lhe ofereceu. James manteve a palavra, ao mudar a mãe dela para um elegante apartamento de dois quartos que comprara, perto da praia. Ajudou Olivia a contratar uma enfermeira jamaicana maravilhosa chamada Tanesa para cuidar dela 24 horas por dia. Um mês depois casaram-se e saíram da Florida, regressando apenas quando Maddie nasceu, e depois novamente, três anos depois, quando a mãe de Olivia faleceu por causa de um ataque cardíaco.

Agora, 18 anos depois, Olivia passa as mãos pelo simples casaco de malha cinzento, alisando os vincos, perguntando-se o que pensaria James se entrasse no quarto e testemunhasse aquele momento com o Dr. Steele. O que ele assumiria que tinham estado a fazer. A ideia provoca-lhe uma sensação de pânico no peito e ela engole em seco para se controlar.

— Eu mantenho-a informada — diz o Dr. Steele. — A assistente social passa por aqui daqui a pouco. Encontrei um membro da equipa mais novo e menos ingénuo. Acho que a Maddie vai gostar dela.

Apesar do momento pesaroso, Olivia não consegue deixar de sorrir, lembrando-se de que há uma semana uma mulher mais velha e submissa com cabelo pardacento e sapatos ortopédicos tentou convencer Maddie a falar sobre os medos ou preocupações que pudesse ter acerca de tornar-se recetora de um órgão. Maddie olhou de esguelha para ela e depois inclinou a cabeça para o lado.

— Sim — disse ela, inexpressiva. — Tenho medo de ser possuída pela alma da outra pessoa.

— Maddie — disse Olivia, sabendo que a filha estava a testar a assistente. Maddie não podia rebelar-se como uma adolescente normal — não podia chegar a casa mais tarde do que a hora estabelecida ou curtir com um rapaz por baixo das bancadas de um campo desportivo — por isso tinha tendência para canalizar a sua raiva hormonal na provocação dos funcionários do hospital.

— Que foi, mãe? — disse Maddie, a pestanejar. — É verdade.

Apesar de todos os esforços de Olivia para intervir, a coitada da mulher continuou durante pelo menos 20 minutos a tentar convencer Maddie de que as histórias de possessão eram falsas, até Maddie não conseguir manter o ar sério por mais tempo.

— Nem acredito que *caiu* nesta — gozou ela, e a mulher corou, deu meia volta e saiu a correr do quarto.

Agora, Olivia anui e agradece novamente ao médico, vendo-o a sair da suíte e a percorrer o corredor. Depois transfere o olhar para Maddie. A filha, baixa para 15 anos mas invulgarmente inchada, está deitada, ligada a máquinas que lhe administram quantidades imensas de medicação que são a única coisa que a mantém viva. A cabeça está virada para o lado, o cabelo castanho-claro está desgrenhado e sem vida, e as pálpebras — que cobrem lindas íris cor de avelã — estremecem mas estão fechadas.

Como sempre, Olivia sente um aperto no estômago ao ver a filha tão desfigurada, tão doente. Desde os sete anos tem sido atormentada por um caso raro de hepatite autoimune de tipo 2. Quando a medicação imunossupressora que controlava a doença de Maddie deixou de funcionar há uns meses, a pele e os olhos dela amarelaram e a barriga inchou quando começou a reter mais fluidos e toxinas do que o seu fígado em mau

estado conseguia processar. As cicatrizes no órgão aumentaram ao ponto de precisar de um transplante; se não, é possível que morra numa questão de semanas. Essa ideia faz Olivia sentir-se como se tivesse sido esventrada. Os últimos oito anos têm sido vagos, com Maddie no hospital mais vezes do que fora dele. A sua saúde tem estado tão frágil que não pode ir à escola ou brincar com outras crianças, com medo de apanhar uma infeção que possa ser fatal. Aquilo que Olivia mais deseja é que a filha tenha uma vida normal; um transplante é a sua única esperança para isso se tornar realidade.

Olivia debruça-se e afasta uma mecha de cabelo no rosto de Maddie.

— Vai tudo correr bem, querida — sussurra, sabendo que se está a tranquilizar a si própria tanto quanto a filha. *Não posso perdê-la. Não posso.* — Vamos pôr-te boa.

Maddie mexe-se, vira a cabeça para trás e para a frente sobre a almofada.

— Mamã? — murmura, e Olivia sente uma dor no peito. Maddie costuma chamá-la mãe — às vezes Olivia ou até Mrs. Bell quando quer ser insolente. Mamã era um termo ternurento que vinha do início da infância, uma expressão que reapareceu apenas após o diagnóstico de Maddie.

— Estou mesmo aqui, fofinha — diz Olivia, tocando no braço delgado de Maddie com as pontas dos dedos, com o cuidado de evitar a seringa intravenosa colada nas costas da mão da filha. As veias de Maddie estavam tão exaustas de ser picadas que tinham-se encolhido e desaparecido da superfície da pele. Quando foi hospitalizada pela primeira vez, a enfermeira demorou uma hora a encontrar uma veia que aguentasse.

— Onde está o pai? — pergunta Maddie quando por fim abre os olhos. Quando Maddie olhou pela primeira vez para o espelho e viu o branco dos olhos amarelado, gritou — um som

tão inquietante que apertou o coração de Olivia. Tentou dizer a Maddie que não via nada amarelo. Só via a filha, a sua linda e maravilhosa filha. É o que vê agora.

— No escritório — diz Olivia. — Queres falar com ele?

Maddie abana a cabeça.

— Passas-me o meu computador portátil? — A voz dela está grossa, trôpega da medicação e perda de humidade.

De sobrolho franzido, Olivia pega no jarro de água da mesa ao lado da cama de Maddie e serve-lhe um copo de água. James comprou o computador portátil há vários anos para ajudar a mantê-la entretida, e para Olivia a filha passa demasiado tempo na Internet, mas não faz sentido limitar algo que Maddie adora fazer — ela já se diverte tão pouco. Ainda assim, hesita.

— Tens a certeza de que te sentes em condições? — pergunta. — Se calhar devias descansar mais um pouco.

— Descansar é tudo o que eu *faço* — diz Maddie, num tom algo irritado. Beberica um pouco de água e depois pousa o copo no tabuleiro à sua frente. — Por favor, mãe?

Com um suspiro, Olivia chega à gaveta da mesinha de cabeceira e coloca o portátil sobre o tabuleiro, com o cuidado para não derrubar a água.

— Vou ligar ao teu pai, está bem? — diz ela quando Maddie liga o computador. Precisa de contar a James sobre o possível transplante, mas não quer que Maddie saiba antes de terem a certeza. Não vale a pena dar esperanças à filha caso a mãe da outra menina decida não doar. Mais uma vez, Olivia sente o estômago às voltas, ao imaginar o que esta mulher estará a passar. Seria ela capaz de tomar esse tipo de decisão? Seria ela capaz de pôr um fim à vida da própria filha sabendo que outra dependia disso? Não tem a certeza de que seria. *Há uma grande possibilidade de que esta mulher possa recusar.*

Maddie anui e dispensa Olivia com um aceno, mantendo os dedos pousados sobre o teclado e os olhos no ecrã do computador, à espera que iniciasse. Quando Maddie foi internada no hospital, há três semanas, Olivia sugeriu calmamente ao marido que a filha poderia querer uma companheira no quarto, alguém com quem falar durante a estadia, que Maddie já passara demasiado tempo nos últimos oito anos na solitária devido à sua doença. Explicadores e aulas em casa; semanas seguidas em quartos de hospital solitários sem nada para fazer além de ver filmes ou procurar vídeos parvos no *YouTube*. Mas o marido de Olivia insistiu na privacidade de Maddie, na suíte extravagante com a cama larga e confortável e televisão de ecrã plano, normalmente reservada para filhos de políticos ou famosos. Como dono e CEO de uma das maiores firmas de investimento na Costa Ocidental, James não se preocupava com dinheiro. O clarão ominoso nos seus olhos verdes fez Olivia perceber que não valia a pena tentar discutir este assunto.

Mal se vê no corredor, Olivia liga para o telemóvel de James. A sua respiração torna-se rarefeita à medida que o telefone toca, quatro... cinco... seis vezes. À oitava vez, ela terá a proteção eletrónica do correio de voz e evitará ter de falar com ele diretamente. Não terá de se preocupar com as palavras que escolhe ou com o tom da voz. James pode aproveitar uma pausa inesperada durante a conversa e transformá-la num silêncio incómodo com que a castigará durante semanas.

— Diz. — É este o cumprimento dele. Não é uma pergunta, mas um desafio, porque ela está a interromper-lhe o dia. Olivia engole em seco para evitar chorar enquanto lhe conta acerca da menina que está ligada a uma máquina. Ele ouve, transmitindo a sua impaciência pela linha telefónica que os separa com faíscas invisíveis. — Ou seja, é possível, mas a mãe ainda nem sequer assinou os papéis? — pergunta ele.

— Sim. — Olivia sabe que tem de manter a voz estável. — Só pensei que quererias saber... pensei que poderias vir. — *A tua filha precisa de ti, imbecil*. Palavras que lhe passavam pela cabeça com frequência durante os últimos oito anos, mas que nunca, nunca diria. James coloca toda a responsabilidade de cuidar de Maddie nas mãos de Olivia — ele paga as contas, visitou o hospital quando Maddie foi internada — mas é Olivia quem passa todas as noites com a filha de ambos.

— Estou ocupadíssimo a fechar um negócio, Liv. Disse-te isso hoje de manhã. Não disse? Não prestaste atenção? — As suas palavras eram severas, atingindo-a em cheio, como punhos envoltos em arame farpado. Olivia imagina-o de pé, atrás da sua enorme secretária em nogueira, com aspeto mais novo do que os seus 50 anos. A sua constituição de 1,95 m com ombros largos é imponente para tudo e todos que lhe apareçam à frente. Usa fatos feitos por medida, que lhe assentam perfeitamente, os tons de todas as camisas são escolhidos com cuidado para realçar o tom moreno da sua pele e o grisalho do cabelo. Toda a gente diz que eles fazem um par lindo. À superfície, Olivia supõe que sim.

— Sim. — Ela morde o interior da bochecha para evitar dizer mais alguma coisa.

— Vou para aí assim que soubermos de certeza. Caso contrário, preciso de trabalhar. Liga-me quando a papelada estiver assinada. — Ele para, suavizando a voz momentaneamente. — Dá um beijo à Maddie por mim. — Desliga sem se despedir e Olivia mantém o telemóvel ao ouvido durante um minuto, a pensar na filha, a única razão pela qual não deixou James há oito anos.

Ela tinha um plano — acumulara dinheiro suficiente da mesada que James lhe dava para cuidar de si e de Maddie durante pelo menos um ano. A sua estratégia era arranjar um emprego

com um horário que lhe permitisse trabalhar quando Maddie estivesse na escola. Teria mudado de nome se fosse preciso. Pintado o cabelo e usado lentes de contacto coloridas. Começado as vidas delas completamente de novo. Mas então, mesmo antes de começar a terceira classe, Maddie adoeceu, e Olivia sabia que não tinha como pagar o tipo de tratamento que a doença da filha exigiria. Não podia trabalhar *e* levar Maddie a consultas médicas sem fim. Nunca tinha de facto ameaçado deixá-lo — tinha demasiado medo do que ele pudesse fazer se lho dissesse — mas Olivia estava certa de que, se o deixasse, James tentaria provar que ela não era uma boa mãe, que não tinha condições para cuidar bem da filha doente. E uma vez que nunca na vida Olivia o deixaria ficar com a custódia total da filha, resignou-se ao facto de que, enquanto Maddie não se curasse, ambas tinham de permanecer com James.

Mas agora há um fígado. Olivia acredita que, se conseguiu sobreviver a uma vida com James até aqui, consegue aguentar mais um pouco. Maddie ficará curada miraculosamente, e Olivia pode começar a delinear os pormenores do seu *novo* plano. E depois — por fim — reunirá toda a sua coragem para fugir.

Um extraordinário olhar sobre a dor de três mulheres e a esperança que persiste quando se sobrevive ao inimaginável.

Hannah perde a filha de 12 anos num acidente. Através da doação do fígado da filha, Hannah consegue salvar a vida de uma adolescente um pouco mais velha, Maddie.

Saída da redoma de proteção em que vivia por causa da doença, Maddie ganha uma nova esperança de vida para enfrentar, por fim, o desafio do mundo real.

Olivia, a sua mãe, é vítima da violência do marido, mas planeia um dia fugir de casa com Maddie sem que isso implique perder a custódia da filha.

Numa história arrebatadora e profundamente comovente, os caminhos destas três mulheres vão cruzar-se e as suas vidas irão alterar-se para sempre.

«Amy Hatvany leva o leitor a refletir sobre uma multiplicidade de assuntos — a morte, a doação de órgãos, as famílias monoparentais, os maus tratos e o amor-próprio —, trabalhando cada tema com sensibilidade e compaixão.»

Kirkus Reviews

«À semelhança de Jodi Picoult, Amy Hatvany retrata com sensibilidade momentos da vida real, mantendo o leitor fascinado até à última página. Um livro que permanecerá consigo.»

Allison Winn Scotch,
autora bestseller internacional

Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8626-65-3

Ficção romântica